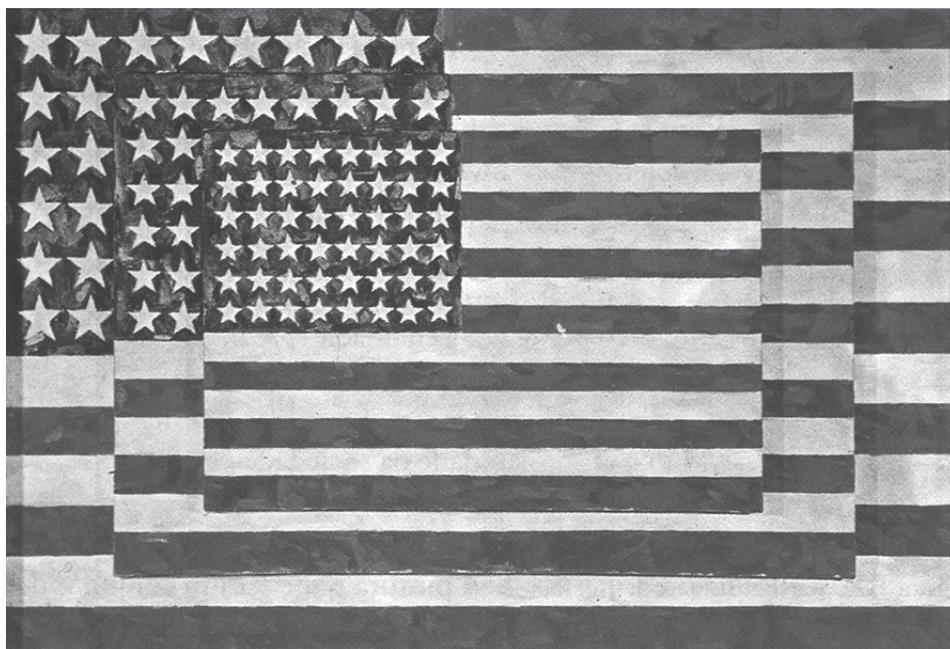


# Intelectualidade e poder: inconformidade na Guerra Fria



Jasper Johns. *Três bandeiras*. 1958.

Elizabeth Cancelli

Doutora em História pela Unicamp, professora do Centro de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade de Brasília (Ceppac/UnB). É autora, entre outros livros, de *A cultura do crime e da lei*. Brasília: Humanidades/ Editora da Universidade de Brasília, 2001. cancelli@unb.br

# intelectualidade e poder: inconformidade na Guerra Fria

## Resumo

Políticas culturais, estratégias de poder e envolvimento de intelectuais, este é o panorama de trabalho deste artigo. Além de uma visão mais ampla sobre a estratégia da chamada *Cultural War*, criada no interior do Departamento de Estado dos Estados Unidos, pretendemos chamar a atenção para a importância dos pressupostos do exotismo e do estranhamento no desenho dessas políticas culturais. Arte e cultura, entretanto, pregam suas peças e o inconformismo humano faz com que nem tudo siga de acordo com os planos. Este será um pouco do desfecho dado pelo poeta Robert Lowell para o *script* que lhe havia sido reservado: lúcido, louco e bastante exótico.

## Abstract

*Cultural policies, power strategies and intellectual's involvement in such policies are focused on this article. We search to offer a broad view over the United State's so-called Cultural War strategy and emphasize how important are the exoticism and strangeness assumptions to the design of these cultural policies. Art and culture, however, play their practical jokes, and human non-conformism make some things do not work as planned. This is a bit of Robert Lowell's ending to the fate reserved to him: perspicacious, crazy and very exotic.*

Palavras-chave: Estados Unidos; Guerra Fria; intelectuais.

*Keywords: United States; Cold War; intellectuals.*

No trabalho que apresentamos, a primeira questão levantada diz respeito à impossibilidade da linguagem política contemporânea prescindir do estranhamento. A postulação se faz porque, se a política pressupõe a diferença ou a pluralidade, como aceitar a nomeação de exótico dada ao estranho (ou estrangeiro); como atribuir-lhe excentricidade ou extravagância?

As múltiplas linguagens políticas que exercitam a percepção do exótico, acreditamos, escondem invariavelmente o estranhamento e a negação. Esta percepção encobre um emaranhado de significados que, quando desvendados, são reveladores de práticas sociais e da condição humana. No mais das vezes, e é por este caminho que caminharemos, a construção do exótico carrega consigo fatores pungentes de estranhamento. Isto é, mesmo que superficialmente tente dar ao exótico formas alegóricas de imagens positivas, não resiste por muito tempo a este olhar superficial, uma vez que este estranhamento - componente primeiro do exotismo - pressupõe um certo tipo de estranhamento e de humilhação, justamente porque parte do pressuposto da diferença.

Seguindo este caminho, exploraremos como, no interior da *Cultural War*, onde os *socialists were among the strongest bulwarks in Europe against communism*<sup>1</sup>, a

<sup>1</sup> POWERS, Richard Gids. *Not without honor: the history of american anticommunism*. Yale: Yale University Press, 1998.

política cultural norte-americana dos anos 1950 e 1960 apostou na estratégia de envolver a intelectualidade na nomeação da diferença. Como foram utilizados intelectuais progressistas é o ponto a ser explorado, especialmente recuperando os valores éticos e morais que constituem as investidas políticas desta *inteligência* no interior da tradição do pensamento político e nas estratégias da *Central Intelligence Agency* (CIA).

Exotismo e estranhamento se tornaram praticamente inseparáveis durante o período de vigência daquilo que ficou convencionalizado chamar de Guerra Fria. Neste particular, o esforço intelectual desenvolvido para o traçado das estratégias da Guerra Psicológica (ou *Psychology War*) parece ter se dado sistematicamente em torno desses dois eixos – o do exotismo (o que não pertence, é estranho) e o do estranhamento (que deve subjugar-se). Do primeiro, porque pressupôs dar, a tudo que não se adequava ao justo ou ao supostamente suportado por Deus, a insígnia de estranho, portanto, de inadequado, de *unheimlich*. E do segundo porque, ao pressupor o exótico e, portanto, estabelecer o que não é igual, definiu um estatuto político de exclusão e construiu, ao longo do tempo, fundamentalmente, estigmas de inferioridade porque pressupunha que este exotismo guardava o civicamente não correto e que permitia o estranhamento.

Na Guerra Psicológica traçada pelo governo norte-americano, houve um incentivo programado de participação de intelectuais no esforço de uma nova construção cultural e política que pressupunha uma expansão salvaguardada na crença de que, portadores da verdadeira virtude, caberia a eles, os norte-americanos, preservar os caminhos da virtude cívica e dos princípios cristãos de política da humanidade<sup>2</sup>. Devemos ressaltar, entretanto, que mesmo sendo parte da estratégia que pretendia criar uma identidade cultural hegemônica no Ocidente, vários dos intelectuais que passaram a ser financiados pelo Departamento de Estado norte-americano não tinham sequer idéia das pretensões estratégicas desenhadas no interior da CIA. Perfaziam, grande parte deles, aquilo que estipulamos aqui como sendo uma espécie de “corrente dos inocentes”<sup>3</sup>.

O intercâmbio de intelectuais não aliados com a causa soviética, ou melhor, críticos a ela, era um dos pontos altos da chamada *Cultural War*.

## Os intelectuais americanos e a Guerra Fria

Foi através do programa da CIA, em 1962, que um eminente poeta norte-americano, ganhador de dois prêmios *Pulitzer* e amigo muito próximo de Elizabeth Bishop, chegaria ao Brasil.

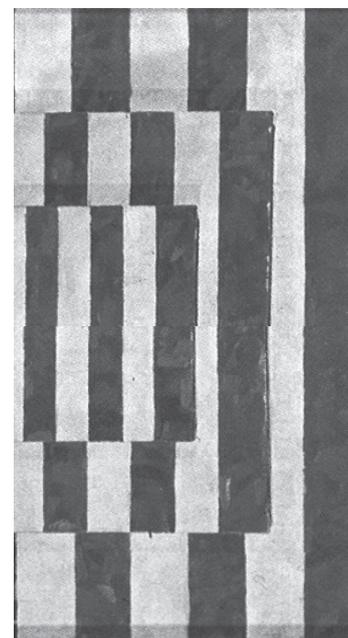
Robert Lowell havia nascido em 1917 de uma respeitável família de Boston<sup>4</sup>. Em 1962, era um dos expoentes da chamada *confessional poetry*, uma espécie de produção poética que se rebelava contra a impessoalidade da poesia americana de então. Seus poemas lidavam especialmente com a loucura (*madness*) e a solidão. Recebera, em 1947, o *Pulitzer Prize* por *Lord Weary's Castle* e o *National Book Award for Poetry* por *Life Studies*, em 1960. Em 1973, ganharia novo *Pulitzer* com *The Dolphin*. Recebera ainda o *Harriet Monroe Poetry Award*, em 1952, e o *Guinness Poetry Award*, em 1954. Charmoso e bem apessoado, Lowell desfrutava da intimidade de intelectuais importantes nos Estados Unidos. Hannah Arendt, Mary Maccarthy, Gertrude Bucman, Elizabeth Bishop, Edmund Wilson, por exemplo, faziam parte de seu círculo de amizades. Na intimidade, era conhecido por Cal, um diminutivo dos apelidos de Calígula e de Caliban que recebera, ainda na juventude, em virtude de seu temperamento avesso. Com uma relação problemática com o álcool, Lowell era vítima freqüente de colapsos nervosos, tendo sido internado várias vezes, uma quando de sua estada em Buenos Aires em 1962.

Política e intelectualmente participativos, Lowell e sua mulher, a escritora Elizabeth Hardwick, colocaram-se como dissidentes da Conferência do *Waldorf Astoria*, em 1949, em prol da União Soviética, e participaram, três anos mais

<sup>2</sup> CANCELLI, Elizabeth. Pensando a América: de Thomas More a Hannah Arendt, em nome da virtude, da política e de Deus. In: DUARTE, André, LOPREATO, Christina R. e MAGALHÃES, Marion Brepohl. *A banalização da violência: da atualidade ao pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

<sup>3</sup> Expressão tomada de empréstimo da literatura sobre o período.

<sup>4</sup> Era sobrinho neto de James Russel Lowell e primo de Amy Lowell.





<sup>5</sup> Cf.: BRIGHTMAN, Carol (org). *Entre amigas: a correspondência entre Hannah Arendt e Mary MacCarthy*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

<sup>6</sup> De uma forma geral, seus organizadores eram veteranos da *Independent Citizens Committee of the Arts, Sciences and Professions*. Neste episódio, Sidney Hool, ex-comunista, ex-informante do FBI, professor de Filosofia da NYU e supostamente consultor contratado pela CIA, conclamou intelectuais como Arthur Schesinger, Mary MacCarthy, Nicolas Nabokov, Dawid Macdonald, Robert Lowell, Browden Broadwater, Nicola Chiamonte, William Phillips, Philip Rahv e Arnold Breichman a interrogarem os conferencistas sobre as liberdades na URSS. Cf.: POWERS, Richard Gids, *op. cit.*, p. 46.

<sup>7</sup> *Cultural Conference for Peace*, que atraiu intelectuais como Charles Chaplin, Picasso e Einstein.

<sup>8</sup> A CIA foi criada pelo *National Security Act* de 26 de julho de 1947, originariamente como agência de coordenação entre a inteligência militar e a diplomática, tendo sido expandidas suas atribuições, no mesmo ano, para intervir secretamente em outros países.

<sup>9</sup> Cf.: POWERS, Richard Gids, *op. cit.*, p. 211. Segundo o autor, este americano de descendência judaica-estoniana era agente da CIA. Quando das denúncias do *The New York Times*, em 1967, renunciou ao cargo e ao emprego da CIA ao mesmo tempo. Cf.: BRIGHTMAN, Carol. *Wrighting dangerously: Mary MacCarthy and her world*. New York: Lime Tree, 1993.

<sup>10</sup> Exceção para a alemã *Der Montag* (1948), que na verdade já era anteriormente financiada pela estratégia americana da Cultural War. Cf.: SAUDERS, Frances. *The cultural war: the CIA and the word of arts and letters*. New York: The New Press, 1999, p. 30.

<sup>11</sup> Vide a este respeito o texto enviado pelo CCF ao *Le Monde* e publicado pelo jornal em 24 de fevereiro de 1967. Vide também a confirmação deste envolvimento dada por Thomas Braden e publicada no *Saturday Evening Post*, em 20 de maio de 1967, confirmando as informações de *The New York Times*.

tarde, da contraconferência do *Wardorf*, patrocinada pelo Comitê Americano para a Liberdade Cultural<sup>5</sup>, braço do CCF (*Congress for Cultural Freedom*).

Fundado em Berlim, no ano de 1950, o CCF estava sendo proposto como uma reação ao sucesso dos congressos comunistas organizados em março de 1949 no Hotel Waldorf Astoria de Nova York<sup>6</sup> e em Paris, um mês depois. Estes dois congressos eram componentes da campanha comunista pela paz mundial, inaugurada em agosto de 1948, com a Conferência Cultural pela Paz de Breslau<sup>7</sup>, que associava ao fascismo a Doutrina Truman.

Ao assumir todos os gastos do encontro do CCF, que reuniu 118 intelectuais de 21 países, o governo norte-americano, através da *Central Intelligence Agency* (CIA)<sup>8</sup>, estruturou secretamente um projeto – incluído na estratégia do que ficou conhecida como *Cultural War* da Guerra Fria – de apoio a ações culturais e intelectuais dentro e fora dos Estados Unidos. Neste Congresso de Berlim, ao final do encontro, não só era editado o *Manifesto aos homens livres* como criado o CCF mundial, tendo como presidente Denis Rougemont e presidentes de honra Theodor Heuss, Karl Jasper, Salvador de Madriaga, Jacques Muruais, Jayaprakash Narayan, Reinhold Niebuhr, Ernest Reuter e Leopold S. Senghor. No Comitê Executivo estavam: Irving Brown, Ignazio Silone e Stephen Spender. Os suplentes eram: Haakon Lie, Raymond Aron, Carlo Schmid, Georges Altmoa, Nicola Chiamonte, T.R. Fyvel, Andre Philip, Malcom Muggeridge, Melvin Lasky, Sidney Hook e Manes Sperber. A Secretaria Executiva ficaria baseada em Paris, dirigida pelos próximos 17 anos por Michael Jossensol.<sup>9</sup>

Cinco anos depois, em 1955, o CCF já estava estruturado com o grupo de presidentes de honra, um comitê executivo, um secretariado internacional, sediado em Paris, uma rede de publicações, diversos comitês em vários países e o Comitê Ciência e Liberdade. Na agenda de financiamento estavam colóquios, viagens de intelectuais, ajuda a intelectuais e artistas perseguidos e uma rede internacional de periódicos, dirigida pelo suíço-alemão François Bondy. Financiadas pelo Congresso pela Liberdade da Cultura, e na maioria fundada pelo CCF<sup>10</sup>, constavam, entre as mais importantes da lista: *Prevens* (1951) *Cuadernos* (1953), *Encounter* (1953), *Forum*, *Cadernos Brasileiros* (1959-1970), *Jiju*, *Survey*, *Quadrant*, *China Quarterly*, *Tempo Presente*, *Minerva*, *Comment*, *Hivar*, *Black Orpheus*, *Sassangue*, *Transition*, *Mundo Nuevo* e *Montag*.

A despeito da negativa oficial de ligação do CCF com a CIA<sup>11</sup>, em abril de 1966, logo após o escândalo provocado pela publicação do jornal *The New York Times* sobre os resultados de uma investigação sobre as finanças de várias organizações que - concluíra-se pela investigação - estavam ligadas a agências do governo norte-americano, destacando especialmente o Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF), o Congresso se reestruturou por imposição da Fundação Ford e criou, em 1966, após o escândalo do *Times*, a Associação Internacional para a Liberdade da Cultura (AILC). De maneira específica, na América Latina foi criada uma organização filiada, o Instituto Latino-americano de Relações Internacionais (ILARI). Até então, a alegação oficial do governo norte-americano era a de que o Congresso contava com absoluta independência intelectual, ligando-se apenas a financiamentos da Fundação Ford.

No Brasil, especificamente, em 11 de abril de 1958, 42 intelectuais brasileiros e estrangeiros residentes no país haviam fundado a Associação Brasileira do Congresso pela Liberdade da Cultura. São eles: Alceu Amoroso Lima, Paulo Armando, Stefan Baciu, Luiz Alberto Bahia, Manuel Bandeira, Euryalo Canabrava, Elmano Cardin, Levy Carneiro, Carlos Castello Branco, Odylon Costa Filho, Afrânio Peixoto, Deolindo Couto, Baptista Costa, Roberto das Neves, Austregésilo de Athaide, Aloísio de Carvalho Filho, Franklin de Oliveira, Adonias Filho, Clementino Fraga Filho, Eugênio Gomes, Heitor Grilo, João Guimarães Rosa, Homero Icaza Sánchez, Américo Jacobino Lacombe, Hilcar Leite, Djalma Marinho Angelo, Thiwers Martins Moreira, Cecília Meireles, Djacir Menezes, Macedo Miranda, José Paulo Moreira da Fonseca, Carlos Alberto Nóbrega Cunha, Rodrigo Otávio Filho, Justo Pastor Benítez, Peregrino Júnior, Arino Peres,

Eduardo Portella, Faustino Porto Sobrinho, Prudente de Moraes Neto, Carlos Ribeiro, Vitto Santos e Érico Veríssimo<sup>12</sup>.

Um ano após a criação da Associação, foi publicado o primeiro número da revista *Cadernos Brasileiros*, órgão trimestral da Associação Brasileira do Congresso pela Liberdade da Cultura, editado sob o patrocínio do Congresso pela Liberdade da Cultura<sup>13</sup>. No mesmo ano em que Lowell viria para o Brasil, em 1962, a revista *Cadernos Brasileiros*, financiada pelo CCF, publicava o primeiro número da série *Cadernos Brasileiros*, chamada de *Quatro Poemas*, de autoria de Lowell e apresentação de Elizabeth Bishop<sup>14</sup>. A viagem de Lowell começara em 4 de junho de 1962, quando Lowell e Elizabeth Hardwick partiram para passar o verão na América Latina, como convidados do CCF. Pararam primeiramente em Trinidad Tobago, e daí foram a Belém por 10 dias. Depois seguiram para o Rio de Janeiro. Os planos também incluíam Buenos Aires, para onde Lowell acabou indo sem Elizabeth, o Chile e o Peru, que jamais chegaram a ser visitados.<sup>15</sup>

A Revista *Cadernos Brasileiros* assim anunciaria a vinda de Lowell e Hardwick:

*Também visitarão, por esses dias, o Brasil o poeta norte-americano Robert Lowell, Prêmio Pulitzer de poesia em 1951 e Prêmio Nacional do Livro de 1960 nos Estados Unidos, e a romancista Elizabeth Hardwick, autora de dois romances e de livros de crítica literária. [...]*

*Ambas essas visitas ao Brasil são patrocinadas pelo Congresso pela Liberdade da Cultura, como a maior parte de um programa de visitas de personalidades ilustres das letras, das ciências e das artes, a ser realizado ainda este ano, incrementando o intercâmbio cultural pan-americano e dando prosseguimento ao plano de contatos com os grandes pensadores do mundo, em diálogos fecundos e públicos, entre os nossos escritores e os grandes autores estrangeiros realizados pela ABCLC.*

*Amigos ambos das letras sul-americanas, tanto Lowell como Elizabeth Hardwick, ao regressarem aos Estados Unidos, pretendem traduzir poetas e ficcionistas nacionais, assim contribuindo para a maior difusão de nossas letras nos Estados Unidos e nos países de língua inglesa.<sup>16</sup>*

Nem Lowell nem Hardwick jamais concretizaram as anunciadas traduções feitas pela *Cadernos*, mas a visita à América do Sul ficaria marcada em suas vidas. Além do reencontro com a amiga Elizabeth Bishop, que havia influenciado fortemente sua poesia e com quem já tivera pretensões de casar<sup>17</sup>, Lowell fora motivo de uma espécie de escândalo diplomático intelectual com fortes repercussões na Argentina.

O casal chegou ao Rio de Janeiro em 25 de junho de 62, depois de breves estadas em Belém, Recife e Salvador<sup>18</sup>. No Rio, hospedados no Copacabana Palace, deveriam passar inicialmente seis semanas, mas a estada se prolongou. O plano inicial desenhado pelo CCF era o de que, através das conferências e entrevistas programadas com a imprensa e dos jantares que deveria atender, Lowell se contrastasse com escritores de esquerda, como Pablo Neruda<sup>19</sup>.

Este contrastamento vinha ao encontro da política oficial norte-americana no sentido de promover uma espécie de “americanização” do mundo, que tivera se iniciado logo após o término da Segunda Guerra no Continente europeu e que se espalharia pelas atividades financiadas pelo Departamento de Estado na América Latina, África e Ásia. Este incremento dos vínculos intelectuais e culturais com o continente americano vinha ao encontro do entendimento do Departamento de Estado de que havia uma necessidade premente de solidificar um consenso anticomunista por sobre a inteligência ocidental<sup>20</sup>, especialmente nesses tempos após a vitória da Revolução Cubana de Fidel Castro.

As práticas de intervenção política e cultural, a bem da verdade, tiveram início ainda durante o período da Segunda Guerra, quando da formação da *Division of Cultural Affairs*, preocupada com a crescente influência nazista no continente e nos governos sul-americanos. A partir da criação do CCF, entretanto,

<sup>12</sup> BERGHE, Kristine Von. *Intelectuales y anticomunismo: la revista "Cadernos Brasileiros" (1959-1970)*. Leuven: Leuven University Press, 1997, p. 55.

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, p. 54.

<sup>14</sup> Bishop havia recebido da *Partisan Review*, através de verbas da *Rockefeller Foundation*, uma bolsa de \$ 2 400 dólares. O projeto estava ligado ao suporte do CCF à *Partisan*. Cf.: SAUDERS, Francis Stornor. *Who paid the piper?: the CIA and the cultural cold war*. London: Granta Books, 1999, p. 337.

<sup>15</sup> MARIANI, Paul. *Lost puritan: a life of Robert Lowell*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1994, p. 307.

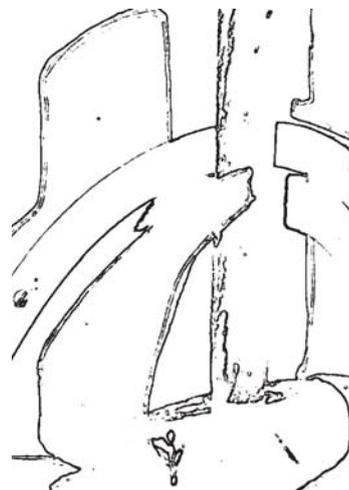
<sup>16</sup> *Cadernos Brasileiros*, Ano IV, n.º 2, abr-jun./1962.

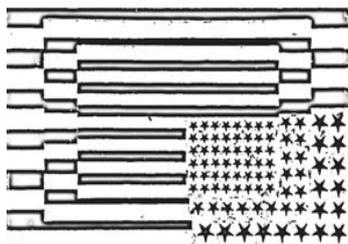
<sup>17</sup> Encontraram-se em 1947 e se mantiveram amigos até o final da vida (Lowell faleceu repentinamente em Nova York, no interior de um táxi, em 12 de setembro de 1977, quando se preparava para voltar a viver com Elizabeth Hardwick, de quem havia se separado em 1972 para se casar com Caroline Blackwood. A Bishop, Lowell dedicaria, em 1952, o poema *Skunk Hour (Life Studies): Thirsting for/ the hierarchic provacy/ of Queen Victoria's century/ she buys up all / the eyesores facing her shore, / lets them fall*. Disponível em <<http://www.kirjasto.sci.fi/rlowell.htm>>. Acesso em 2003.

<sup>18</sup> Keith Botsford era representante oficial do Congresso na América Latina, encarregado de acompanhar Lowell nas viagens. Cf.: SAUDERS, Francis Stornor, *op. cit.*, p. 344 e ss.

<sup>19</sup> MARIANI, Paul, *op. cit.*, p. 307.

<sup>20</sup> Cf.: SCOTT-SMITH, Giles. *The politics of apolitical culture: the congress for cultural freedom, the CIA and post-war american hegemony*. London/NY: Routledge, 2002.





o alvo passara a ser uma outra espécie de totalitarismo: o comunismo soviético. O eixo da ação estava consubstanciado naquilo que o presidente Truman anunciara como “A campanha da verdade”. Dizia ele que:

*Não podemos correr o risco de que as nações se percam para a causa da liberdade porque seu povo não sabe os fatos. Precisamos concentrar nossos esforços com esses e outros povos livres num substancial e intenso programa para promover a causa da liberdade contra a propaganda da escravidão. Este objetivo não é distinto ou separado dos demais elementos da política externa. É necessariamente parte de tudo que estamos fazendo... como força armada ou ajuda econômica.<sup>21</sup>*

Havia, nesta postulação, o pressuposto de que, além de estarem ao lado de uma verdade incontestável, provinda do fato de saberem com propriedade o que realmente estava acontecendo, a política instaurada deveria levar certos países e certas populações a acharem o “caminho correto”. A percepção de estranhamento, portanto, do comunismo como doutrina alienígena, coisa importada e, por isso, *unheimlich*, provinha, como estava sendo postulado, de uma concepção de ignorância desses países e de suas populações.

A própria CIA reconhecia, na guerra travada contra o que chamaria de ofensiva soviética, que os *intelectuais ocupavam uma posição estratégica*<sup>22</sup>, também muito importante na América Latina e no Brasil, ou nos países do terceiro mundo, dada a sua sofisticação numa sociedade marcada pelas desigualdades (subentendida também a ignorância):

*Os intelectuais brasileiros se constituem como um de nossos mais importantes grupos-alvo. Como eles são parte no envolvente ethos da civilização brasileira – que ultimamente se manifesta em esquemas políticos, sócias e econômicos concretos – o seu mérito aumenta de importância em nossos programas.<sup>23</sup>*

Desigualdades, entendidas aqui em países que não haviam ainda conseguido lograr o grau de sucesso político, cultural e econômico dos Estados Unidos, ou que o governo norte-americano aos Estados Unidos atribuía.

Já em agosto de 1958, houve uma consulta formal do Congresso norte-americano ao Departamento de Estado, ou melhor, ao *Bureau of Cultural Affairs*, sobre o montante de verbas destinadas ao exterior. Diz o ofício interno, assinado por J.M. Alden e enviado ao CPC, que, naturalmente, o postulante da informação<sup>24</sup> não estava usando a expressão *foreign aid* de forma estreita, mas que *cultural pursuits* deveria ser tratada como termo mais abrangente, aplicado a atividades culturais em geral. Os dados fornecidos eram:

*IES- Fy - 58 program - aproximadamente 29 milhões de dólares para bolsas para professores estrangeiros e americanos, estudantes, líderes, especialistas e para escolas americanas no exterior;*

*USLA- Fy - 58 - 95 milhões para o total do programa. A Agência conduz atividades culturais em que não pode separar os custos dessas atividades com do total do programa;*

*ICA - Fy -58 - aproximadamente 27 milhões em assistência técnica (se o treinamento de estrangeiros pode ser incluído em atividades culturais) para treinar estrangeiros nos Estados Unidos e no terceiro mundo. Foi tornado claro que os participantes são treinados de várias formas e em vários campos, de agricultura à indústria e educação.<sup>25</sup>*

Um outro exemplo importante deste tipo de ofensiva pode ser constatado pelo resumo (*abstract*) de uma tese de doutoramento defendida por Lewis M. K. Long no Departamento de Relações Sociais de Harvard, para a obtenção de seu PhD em Psicologia Social, no ano de 1955, cujo título é *The Brazilian student in the United States: a study of psychological change*, cujo objetivo foi estudar as mudanças

<sup>21</sup> Cf.: SOTT-SMITH, Giles, *op cit.*, p. 62. *We cannot run the risk that nations may be lost to the cause of freedom because their people do not know the facts... We must pool our efforts with those of the other free people in a sustained, intensified program to promote the cause of freedom against the propaganda of slavery. This task is not separate and distinct from the others elements of our foreign policy. It is a necessary part of all we are doing... as armed strength or economic aid.*

<sup>22</sup> National Archives - RG 59 - Bureau of Cultural Affairs - Planning and Development Staff (1955-1964), Box 205. To the Latin America Policy Committee. The Intellectual in the Latin American Cultural Program.

<sup>23</sup> National Archives. Entry 1600 - Box 3. USIS -Rio, August 27, 1962. Há outros documentos com o mesmo tipo de referência à Argentina, por exemplo: *Brazilian intellectuals constitute one of our most important target groups. Since they play part in the involving ethos of Brazilian civilization - which ultimately manifests itself in concrete political, social, and economic schemes - they merit increasing attention in our programs.*

<sup>24</sup> Miss Babione do Congresswomen Bolton's Office.

<sup>25</sup> National Archives- Bureau of Cultural Affairs. Subject Files 1956-1960. Box 5.

ocorridas entre os estudantes no que diz respeito à sua orientação democrática, conhecimento cultural e imagem dos Estados Unidos. A tese provavelmente estava ligada a estudos dirigidos para monitorar os investimentos da guerra cultural.<sup>26</sup>

Na investigação psicológica anunciada no trabalho de doutoramento, estava implícita a suposição de que as mudanças a serem averiguadas pressupunham uma significativa troca de procedimento e de linguagem por parte dos estudantes brasileiros, até porque este era o sentido do investimento do Departamento de Estado em importar por algum tempo membros da elite cultural. O esforço que estipulava, secretamente, um tipo de intervenção sobre intelectuais, ou futuros intelectuais, vinha ao encontro da estratégia norte-americana para uma nova construção cultural e política, cujo fundamento estava assentado no entendimento de que havia, sim, exotismo e inferioridade intelectual e cultural dos demais países em relação às virtudes públicas dos norte-americanos. Assim, estavam sendo reforçados os estigmas de inferioridade e de exotismo na medida mesma em que se naturalizavam conceitos tão fortes como os de latino-americanidade, subdesenvolvimento e atrasado e que se projetou, para os demais países do continente americano, com exceção do Canadá, a imagem de repúblicas de caudilhos, de indolência, de musicalidade exagerada e de ausência de valores morais e éticos.

Se, de um lado, membros das elites intelectuais dos demais países eram levados aos Estados Unidos para absorverem o *american way of life*, por outro lado era preciso que o mundo conhecesse o que intelectualmente os Estados Unidos possuíam de melhor: sua intelectualidade e seus artistas. Eram eles a prova viva do sucesso da democracia norte-americana.

### Robert Lowell - um poeta dissidente

Nos planos desenvolvidos pelo CCF para Robert Lowell, tudo parecia correr bem nos dois primeiros meses, até que o poeta começou a exagerar na bebida e se mostrar obcecado pelos problemas da Guerra Fria. Neste sentido, Lowell, que perfazia a “corrente dos inocentes”, porque não tinha idéia da estratégia política implícita em sua visita, trazia em si mesmo a negativa dos pressupostos ideológicos da política do Departamento de Estado. Em primeiro lugar, como ficou demonstrado em sua correspondência para Elizabeth Bishop, em carta imediatamente anterior à sua visita ao Brasil, ele estava temeroso em se encontrar com intelectuais brasileiros, porque estava ciente de como ele próprio ou seus estudantes pouco sabiam de poesia latino-americana e de seu especial nervosismo em encontrar com as altamente cultivadas audiências do Rio de Janeiro, que tão bem sabiam do francês e da cultura latina, que ele poderia muito bem passar por um bárbaro norte-americano<sup>27</sup>. Em segundo lugar, porque Lowell se dizia um crítico, como vários dos intelectuais de seu círculo, dos rumos da política externa norte-americana. Um pouco antes de sua viagem para o Brasil, escrevia que *os Estados Unidos haviam se transformado em uma ameaça* através de sua política imperialista<sup>28</sup>.

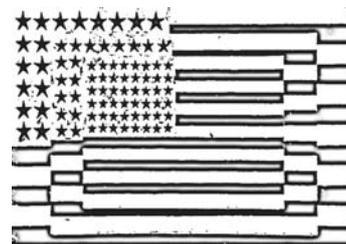
Embora Elizabeth Hardwick tenha abandonado a viagem em 1 de setembro 1962, Lowell seguiu do Rio de Janeiro para Buenos Aires. Em 4 de setembro, ele chegava à capital argentina. Imediatamente foi convidado para almoçar na Casa Rosada, recebido pelo general José Maria Guido, que logo se tornaria o presidente da Argentina, em meio a uma crise política bastante aguçada. Além de insultar Guido, Cal, que já chegara bêbado na recepção,<sup>29</sup> saiu do almoço e, nu, iniciou uma espécie de turnê, montando em várias das estátuas equestres do centro de Buenos Aires, proclamando-se, a partir daí, freqüentemente, o César da Argentina, exaltando a figura de Hitler e chamando a seu convívio reconhecidos intelectuais argentinos de tendência comunista. O incidente acabou gerando uma série de constrangimentos diplomáticos e completo embaraço ao representante do CCF para a América Latina, Keith Botsford.

<sup>26</sup> National Archives. Bureau of Cultural Affairs. Country Files 1955-1964. Box 210.

<sup>27</sup> Cf.: MARIANI, Paul, *op. cit.*, p. 307.

<sup>28</sup> Cf.: HAMILTON, Ian. *Robert Lowell: a biography*. New York: Random House, 1982, p. 302.

<sup>29</sup> Havia tomado seis martinis duplos já antes do encontro. Cf.: HAMILTON, Ian, *op. cit.*, p. 300.



Na verdade, o comportamento de Lowell, mesmo em meio a uma crise nervosa que o levaria a ser internado na Clínica Bethlem, em Buenos Aires, e dali para um hospital em Connecticut, prenunciava uma certa indignação de vários intelectuais quando, em 1966, o *New York Times* denunciaria a política do Departamento de Estado, através da CIA, em instrumentalizar secretamente intelectuais e políticas de apoio cultural para a Guerra Fria. Prenunciaria igualmente a atitude de Lowell quando, em 1965, declinaria do convite de Lindon Johnson para participar do *White House Festival of Arts*, porque discordava da política exterior norte-americana e porque:

*Nós estamos imperceptivelmente nos transformando num país explosivo e, subitamente, chauvinista... Eu acho que estou servindo melhor ao senhor e ao nosso país não comparecendo.*<sup>30</sup>

Prenunciaria, também, sua ativa participação no protesto contra a investida dos Estados Unidos contra o Vietnã, em 21 de outubro de 1967, que reuniu 35 mil pessoas em frente ao Pentágono, numa atitude coerente com a postura na existência contínua de uma intelectualidade crítica e independente de pressupostos governamentais.

Lowell desconhecia que a ação da CIA, especificamente, havia sido facilitada pelo *Agency Act*, aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos, em 1949, que permitia à Agência dispor de fundos sem justificativa de gastos que confirmavam o envolvimento da CIA e, posteriormente, da Fundação Ford, no esforço cultural de uma estratégia anticomunista. Já em 1948, Arthur Shlessinger havia escrito um manifesto chamado *The Vital Center*. Nele, uma postulação era fundamental para o governo de Truman e para os futuros governos no que diz respeito à escolha de estratégias de combate ao comunismo: *socialists were among the strongest bulwarks in Europe against communism*<sup>31</sup>.

A política cultural norte-americana apostou nesta estratégia, até porque ela estava completamente de acordo com o que George Kennan, arquiteto do Plano Marshal e diretor do *Policy Planning Staff da CIA*, apregoava<sup>32</sup>.

Em linhas gerais, esta política de intervenção sobre o trabalho intelectual partia do entendimento de que o suporte cultural era o mais apropriado, se levado em conta que o objetivo seria o de atingir intelectuais e aumentar seu entendimento sobre os Estados Unidos, uma vez que marxismo e comunismo estariam desempenhando um papel crescente entre os intelectuais no pós-guerra. Era preciso vencer com o *american way of life* e com um determinado entendimento de democracia.

Na verdade, Robert Lowell, como vários outros intelectuais que perfizeram a “corrente dos inocentes”, acabou, de uma certa forma, por subverter a ordem desta americanização estratégica, pois apregoava a independência intelectual, a pluralidade política e a subversão da imposição do exótico ao resto do mundo.

Da ida de Robert Lowell a Buenos Aires, além do incidente diplomático, ficara a inconformidade de um poeta, lúcido, louco... exótico.

<sup>30</sup> Carta reproduzida no *New York Times*, em 3 de junho de 1965. *We are in danger of imperceptively becoming an explosive and suddenly chauvinist nation... I feel I am serving you and our country best by not taking part.*

<sup>31</sup> POWERS, Richard Gids, *op. cit.*

<sup>32</sup> O Plano Marshall no *Appendix Top-secret*, NSC-4A, dava ao Diretor da CIA a tarefa de acobertar atividades psicológicas em sustentação das políticas anticomunistas.

